



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 28 de maio de 1854 – Edição 22

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00022.pdf

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 28 DE MAIO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

E dizem que somos nós; nós, queridas leitoras, as que fallamos, erramos, peccamos, choramigamos, e... tudo quanto tem lembrado, a esses senhores apaixonados, dizer nas suas horas aziagas; entretanto forão elles, elles sós, os que peccarão e nos deixarão responsáveis de uma falta para a qual não havemos contribuído! Assim succede sempre.

Mas agora o que fazer? Não lhe vejo outro geito senão *fazer de conta* que recebemos os nossos figurinos — que são lindíssimos — e que a descripção dos *toilettes* está primorosamente feita: tudo o mais é affligir-mos com o que já não tem mais remédio, e o que não tem remédio, sempre ouvi dizer que remediado está. Pelo menos assim penso eu: quando qualquer cousa me acontece, digo logo ao cós do meu vestido — *ainda podia ser cousa peor*.

Pois bem, direis vós, isso faremos de bom grado; mas em todo o caso, como o artigo de modas não nos vem de Pariz, não dispensamos; queremos saber das novidades e alterações que a moda tem apresentado neste intervallo, e o que vai por esse mundo de fantasias de que não temos noticia official pelos jornaes diários. E' justamente, responderei eu, o que neste momento vou dar principio.

Participo-vos que, antes de apresentar-me nos salões, pratiquei o que muita gente faz quando chega á côrte: puz-me á janella no primeiro dia para ver passar de tarde a gente fina, e

então no dia seguinte á noite fui visitar a rua do Ouvidor, para ver a illuminação a gaz (tambem devia pagar este tributo), e conversar com as modistas de primeira ordem, de quem estive ausente tanto tempo, para me darem noticias, esclarecimentos, apontamentos, emfim pôr-me em estado de vos poder dizer alguma cousa do mundo das modas.

Ao entrar em casa de M.me Barat, vi, aproximando-se de mim, um vulto... ai! que susto que tive! estremeci toda, e, se fora das que se assustão de qualquer espirro, tinha pelo menos tapado os olhos com o lenço; mas, ao contrario, encorajei-me, e a pé firme esperei que o vulto se aproximasse para reconhecer o phantasma de nova espécie.

Era um homem magro e alto, meu bom Deus, como um caibro de lanterna de andaime! Que calças que trazia tão apertadinhas! As pernas parecião dous cabos de faca. O collete, fugindo escandalosamente da cintura natural onde devia chegar por ordem da verdadeira elegância, estava remontado e contrafeito lá sobre as costelletas do peito; e mais... Santo Deus de misericórdia! que sobre-casaca! que casação! que cousa ruim trazia elle pendurada dos hombros até a barriga das pernas rematando toda esta exquisitice! Ora realmente, perdoê-me a sua ausência, mais de perto pareceu-me um cabide antigo de batina com um chapéo redondo por cima, passeando pela rua do Ouvidor! Ao canto de uma sala, posto de costas, ninguém o tomaria por outra cousa. Perguntei a M.me Barat, quando subi a

rir-me que já não podia mais, se uns homens altos, de casacões compridos e desageitados, que andavão á noite com passadas de vara e meia cada uma, erão os *engenheiros do gaz* que tinham chegado ha pouco das minas do carvão de pedra. E a minha pergunta não era sem fundamento, pois que, deixando eu a côrte antes da illuminação a gaz, e não tendo visto até então semelhantes espantalhos pelas ruas, era muito de suppor que fossem elles alguns estrangeiros maquinistas, ou talvez algum patricio nosso chegado ha pouco da Europa, com vaidades de figurino exotico.

Ella dá uma grande risada, e diz-me com muita graça: « Oh! por piedade, não são engenheiros do gaz, minha querida, mas são companheiros do gaz; são alguns, muito poucos felizmente, dos elegantes que abrilhantão os salões com a gentileza de seu porte e com o chammejar de seus olhos! Não acreditais nisto? »

Fiquei mais morta que viva com semelhante noticia!

Ora os meus patrícios, que lêem figurinos que chegam de Pariz todos os mezes; que têm os nossos jornaes e os jornaes francezes que lhes dão noticia pontual do que é moderno e de bom gosto, ainda não comprehendêrão que o *sobretudo* é um casacão que se veste por cima da casaca, no rigor do inverno da Europa, todo abotoado, com cintura baixa, acompanhando um *toilette* apropriado...! Não se recordarão elles que em 1852 já o *Jornal das Senhoras* apresentou, na sua primeira e grande estampa de figurinos de homens, figurinos de inverno trajando nesse gosto? — o que quer dizer indubitavelmente que hoje já não é moda taes casacões, mas sim uso velho e muito velho para essa estação?!

Engolirão a petta que lhes administrou manhosamente algum alfaiate charlatão que chegou á esta boa terra pretendendo não encontrar cousa melhor do que elles, e eil-os enfroinhados n'um *casacão de inverno*, bem persuadidos de que trajão no ultimo gosto de Pariz — e por consequencia:

Casacão de inverno com calça e collete branco.

Casacão de inverno com calça de ganga.

Casacão de inverno desabotoado.

Casacão de inverno abotoado em dia de calor.

Casacão de inverno em toda a parte.

Emfim, até já me dissêrão que um destes casacões apresentou-se a semana passada n'uma das nossas primeiras partidas *aformoseando* um elegante de fóra da côrte á quem fizêrão acreditar que era o melhor vestido para taes reuniões semanaes! O que deste logro resultou, queridas leitoras, vós bem podeis fazer idéa: tomárão-no á sua conta moços e moças de bom-tom, e ahi temos o *casacão* dançando sempre, passeando pela sala á todos os instantes, risadas por todos os lados; e o nosso homem muito *senhor de si* — porque tinha consciência de estar bem trajado — no ultimo gosto de Pariz.

O ultimo gosto de Pariz...!

Se este e muitos outros cavalheiros, soubessem que em Pariz o gosto de bem trajar é natural dos francezes; que não ha um dia em que a moda não passe pelas fileiras do bom-tom e que não soffra uma modificação, uma alteração, qualquer que ella seja, ainda mesmo n'um talho, n'um botão mais, n'um botão menos; convencer-se-hião de que em Pariz o alfaiate ou a modista não abusão do freguez, impingindo *gato por lebre* a seu bel-prazer — porque cada um freguez é o gosto personificado (permitta-se-me a frase neste caso), e quando se entrega á disposição da moda, tem certeza de que a tesoura lhe vai cortar os vestidos de mais bom gosto, e sobretudo — *apropriados á estação*; porque Pariz traja conforme a estação, conforme o lugar e a hora.

Ao passeio a cavallo, á visita de sege, á igreja, ao jantar, ao theatro, ao baile, ha sempre um *toilette* adaptado, quer no inverno, quer no verão. Conhece-se em Pariz, ao olhar para um cavalheiro ou para uma senhora de bom tom, um certo *distingué* no seu trajar, que revela perfeitamente o cuidado com que se vestiu para qualquer dessas occasiões, e jamais apparece com os *despropósitos*, que de vez em quando entre nós infelizmente ressuscitam de modas ou usos velhos que lá tivrão todo o effeito de sua propriedade, e cá degenerarão em irrisórias caricaturas — porque nem ao menos é no tempo próprio, nem conforme lá foi o uso, que ellas apparecem.

Ora, portanto, veja-se um casacão de inverno embufando um *mimoso dandy*, n'uma tarde quente que faz pingar o suor, passeando no Passeio Publico — para *tomar fresco* (porque não é humanamente possível de acreditar que vai aquecer-se alli ao resaltar das ondas do mar) e diga-se:

— Isto é moda de Pariz.

Qual moda, queridas leitoras; um despropósito de semelhante natureza e uma caricatura para fazer rir, é um exemplo vivo para que tomemos nossas cautelas contra as palavrinhas doces — Isto é moda de Pariz —. Da moda á exaggeração, o meio termo é sempre o mais conveniente e adoptado pelo mundo elegante de qualquer paiz: a impropriedade de *toilettes* não pertence á boa sociedade.

Não falilemos mais em *casacões*, que já me vai parecendo sermão, e mesmo porque pode algum offendido dizer, como se diz muita cousa sem razão — que tambem é impropriedade fallar o *Jornal das Senhoras* da moda dos homens.

(Como se a impropriedade de taes modas não affectasse o bom gosto e acerto que deve presidir a escolha de qualquer *toilette*.)

Depois de rirmo-nos e conversarmos no que não vem ao caso referir nesta occasião, entrámos em matéria: M.me Barat deu-me conta exacta do movimento da moda nestes últimos magros mezes, finalizando a sua minuciosa exposição dizendo-me que só depois de fixado o dia do baile do *Cassino* haveria alguma cousa a dizer.

Do que inferi, que a moda, se não tem estado estacionária, tem tido poucas alterações, das quaes a mais notável é a dos vestidos de baile enfeitados de ramos de flores, de folhagem ou de espigas de trigo; os enfeites de cabello igualmente no mesmo gosto; e as côres das sedas e boudes sempre claras são as mais especiaes.

Da presente estação o que effectivamente tem merecido geral aceitação, são as capinhas de inverno á *Norma*, um dos modelos que apresentou a nossa ultima grande estampa. São de merinó, ou de panno, redondas, como as capas que os homens actualmente usam chamadas á

Talma, com enfeites de veludo estampado guarnecendo-as em volta, com cabeção ou sem elle, igualmente enfeitado, e levemente acolchoadas, e forradas de tafetá. As côres de preferencia,

— 171 —

é a côr de pó, côr de cinza clara, côr de chumbo, e mesmo a branca; mas esta côr tem todo o logar nas capinhas de sahida de baile, enquanto as outras servem e vão bem em qualquer occasião.

Os vestidos de passeio, que se tem feito ultimamente, conservão ainda o mesmo talhe, a mesma cintura, e a mesma disposição de enfeites; sómente houve differença na qualidade das fazendas, que necessariamente no inverno são mais encorpadas e de um tecido de lã ou seda, mais forte para a estação.

Os chapéos ainda são pequenos; mas são preferidos nesta occasião os de veludo e os de seda encorpada.

Com a estréa este anno do *Cassino* no mez que vem o mundo elegante tomará as suas devidas posições, e a moda terá um melhor desenvolvimento e animação. Breve está esse dia, e a vossa Christina, queridas leitoras, vos dará conta de tudo.

Por causa dos casacões de inverno, vai hoje uma gravura nas paginas do nosso jornal que vos mostra em caricatura o penteado que usavão as senhoras no século decimo-oitavo, em França. Avaliai, queridas leitoras, se um tal despropósito poderia hoje ter logar tambem com o titulo de — Ultima moda de Pariz.

Cattete, 26 de Maio.

Vossa sempre,

Christina.

APRESTOS NECESSARIOS PARA PENTEAR UMA SENHORA NO SECULO XVIII.



— 172 —

TOUCADOS DO SECULO XVIII, EM FRANÇA.

Quando se vê a simplicidade com que hoje se touçam as senhoras, custa a conceber como nos fins do século passado, chegarão ellas a dar a seus penteados fôrmas tão extraordinárias e tão desmesuradas. A arte de um cabelleireiro não lhes era sufficiente; carecião do auxilio do serralheiro para ajuntar todas as molas dessas maquinas enormes que trazião sobre a cabeça.

A caricatura apoderou-se dessa moda ridícula e fez-lhe justiça. A que hoje damos foi acompanhada de muitas outras, representando as senhoras acompanhadas de carpinteiros e de pedreiros para alargarem as portas por onde devião ellas entrar.

Todavia, não devemos exprobrar em demasia ás senhoras este breve encommodo que amontoavão sobre a cabeça; os homens lhes tinham dado o exemplo, e antes que no século décimo oitavo inventassem ellas todas essas modas exageradas, tinha o sexo masculino feito o mesmo no século anterior.

No reinado de Luiz XIII andavão os homens de solideo; depois lembrárão-se de accrescentar-lhe cabellos postiços para disfarçar a falta de cabellos naturaes, e finalmente conseguirão trazer os cabellos postiços sem o auxilio do solideo pela descoberta da cabelleira. Esta invenção foi declarada admiravel; e Luiz XIV era ainda bem moço quando em 1656 creou trinta e oito empregos de barbeiros-cabelleireiros com o privilegio exclusivo de fabricar cabelleiras. A descoberta prosperou rapidamente. Em 1673 creou Luiz XIV mais duzentos lugares. Até á época de que fallamos, os reis de França e os fidalgos distinguirão-se pela barba e pelo bigode. Luiz XIV conservou apenas uma pequena pêra por baixo do lábio inferior, mas substituiu o ornamento que faltava no rosto pelo que accrescentou sobre a cabeça, e a cabelleira tornou-se o signal de nobreza.

Os cabelleireiros não cessavão de inventar novas modas para se darem mais importância, e desviarem-se cada vez mais da simplicidade da natureza. Depois de terem inventado a cabelleira, inventarão os polvilhos. Luiz XIV não podia suportar esta nova descoberta, talvez por vêr nessa geada artificial que lhe querião deitar na cabeça a imagem da velhice que lhe era odiosa, e contra a qual se defendeu até o fim; foi sómente nos derradeiros annos da sua vida que elle consentiu que lhe apolvilhassem os cabellos. Mas Luiz XV usou desde a infância desses polvilhos, symbolo da velhice que seu avô sempre repellira.

As senhoras conservarão por muito tempo mais simplicidade em seus toucados. No reinado de Luiz XIV não usavão de cabelleira nem de polvilhos; no reinado de Luiz XV polvilhárão-se, mas conservarão os cabellos muito altos na frente, para que a testa ficasse inteiramente descoberta.

Foi sómente na acclamação de Luiz XVI que os penteados das senhoras tomárão essas fôrmas extravagantes de que fallámos no principio deste artigo; adoptada de uma vez esta moda, não conheceu ella mais limites; mudava com maravilhosa rapidez, não para corrigir-se, mas sim para tomar desenvolvimentos mais singulares e mais extravagantes. A nomenclatura de todos esses penteados é por si mesma mui curiosa. Os nomes que lhes davão derivavão do seu feitio, como por exemplo: o *ouriço de quatro fivelas* — o *riço á chanceller* — o *riço á direita*

— o riço á esquerda — a maçaroca — o capacete á Minerva — a Phrygiana — o penteado a Coliseu — á leiteira — á banheira — á marmota — a preguiçosa — á camponeza — á campainha — ao gavião — á cesta — o crescente — a circassiana — a oriental — o bandó de amor — o berço de amor — etc.

As senhoras desse tempo não se limitavão ás pyramides de cabellos representados na caricatura que hoje publicamos; ornavão-as ainda com infinidade de ganchos, de tranças, de fitas, de flores, de lenços, de toucas e de mantos que lhes davão um ar de taboleta de modista. A revolução que dezenraizou as torres da Bastilha, fez desmoronar também as que á moda tinha levantado sobre as cabeças das senhoras, e por sua vez das dos homens que igualmente tivêrão de empoar o cabello e penteal-o em carações como ainda usavão no tempo del-rei D. João VI.

Extr.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 21.)

Emquanto Henrique e a sua joven esposa vivião felizes e tranquilllos no formoso retiro que tinhão escolhido, e ahi esquecião o mundo na ventura que gozavão, raiou a paz na Europa. Entre aquelles que corrêrão a abraçar os amigos que tão saudosos os esperavão, contava-se Miranda de Aragão. Deixado por morto no campo da batalha, cahiu em poder do inimigo, que, vendo-o ainda respirar, e tomando-o por official distincto, o transportou para terra distante, onde, a muito custo, pôde restabelecer-se. Entregue todo á ardente paixão que o devorava, voou, cheio de esperanças, para o valle onde deixára o ente amável que creára para si. Mas quem pôde descrever os seus sentimentos, quando viu gente estranha sahir dessa morada onde contava ser recebido por quem tanto amava, e quando viu que dos dous habitantes que ahi deixára o mais velho tinha morrido, e o outro estava casado com Saint-Lorent e tinha ido com elle, ninguém sabia para onde! Pallido e horrorisado, retirou-se Miranda para longe do

— 173 —

seu albergue, e foi deitar-se na montanha, debaixo de uma arvore, d'onde podia descortinar todo o valle. Aqui, julgando que a sua desventura tinha tocado a meta, pegou do punhal para pôr

termo á sua existência. Mas a sede da vingança apoderou-se da sua alma irascível e indomável, e inspirou-lhe o desejo de viver.

— Não! exclamou elle, pérfido malvado, tu não me roubarás impunemente a felicidade que me estava reservada; tu não violarás, ás mãos lavadas, o santuário da minha casa! Eu te descobrirei, e, semelhante ao anjo da vingança, te perseguirei até que pagues com a vida os males que me causaste!

Levantou-se e seguiu a estrada de Bagnères, onde tinha tudo o que possuía nas mãos de um negociante. Ahi comprou armas, e voltou para o valle, determinado a apoderar-se da casa ou á força ou por dinheiro. A's pessoas que então a habitavão disse que era estranho ao paiz, que a solidão e belleza do logar muito lhe tinhão agradado; e offereceu pela casa uma somma tão superior ao seu valor, que não achou difficuldade alguma em lh'a cederem. Concluido o ajuste, pagou o dinheiro, com a condição de que a casa seria evacuada immediatamente, e que os vendedores nada levariam do que ali se achava.

Correu todos os quartos da deserta habitação, e entrou na camada onde outr'ora estivera o seu retrato; aqui a angustia da sua dor lhe abalou o espirito e o fez cahir, desmaiado, no mesmo lugar em que Mira florescera com toda a illusão da innocencia. Tornando a si, a desesperação e a vingança lhe dêrão novas forças; levantou-se arrebatado, e, pegando de um machado, começou a obra da destruição. Com ira violenta, nivelou tudo, derrocou todas as arvores fructíferas, arrancou todas as flores, destruiu todas as latadas, e, tendo errado todo o dia como um maníaco, achou-se, á boca da noite, no logar solitário em que jazia sepultada a companheira de Mira. Aqui bradou elle com voz sepulcral:

— Velha, levanta-te e vem dizer-me onde acharei o traidor! Abre ainda uma vez teus podres e corruptos lábios, e depois fecha-os para sempre!

Revolveu a terra que cobria a sepultura, e delirou de novo, mas ninguém ouviu suas lamentações. Só lhe respondeu o bando de gralhas que a noite enviava, cacarejando, para as locas da montanha. Miranda estremeceu, como se algum presentimento sinistro lhe anunciasse um fim fatal; deu-se pressa a entrar em casa, e, reunindo ahi todas as matérias combustíveis, lançou-lhe fogo.

— Aqui nenhuma andorinha tornará a fazer ninho! exclamou elle; d'ora avante, amaldiçoado seja este logar!

O vento arremessava para longe nuvens de fumo, e as labaredas que sahião em borbotões pelo demolido tecto espargião medonha claridade na escuridão da noite. Os habitantes das próximas aldêas levantarão-se assustados e voarão em auxilio de Miranda; mas este, qual espirito infernal, corria em derredor do incêndio, com a espada nua, fazendo recuar

todos, e protegendo assim as chamas nos seus horribes estragos. O dia raiou enfim sobre um montão de ruínas, e Miranda, abandonando então o lugar que tão odioso se lhe tornára, partiu, disfarçado em camponez, e decidido a vingar-se, para a herdade paterna de Saint-Lorent, onde esperava encontrar os jovens esposos. Mas o homem que então a possuía nenhuma informação lhe pôde dar, que nunca elle os tinha visto. O desejo da vingança o fez errar de um lugar para outro, até que um dia lhe veio a idéa a possibilidade de terem elles ido para Hespanha. Resolveu pois dirigir para ahi seus passos, e assim, após vinte annos de ausência, entrou de novo na sua pátria: passou o limiar da sua villa natal, e ninguém o conheceu; novos edificios se tinham levantado no lugar em que outr'ora estivera a casa de seus pais; caras estranhas e desconhecidas passavam por elle nessas ruas, onde só costumava ver rostos amigos, feições familiares. Exhausto de forças, sentou-se em um banco de pedra na praça maior, e as lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces. A porta da igreja do convento de S. Domingos, onde fora educado, estava aberta; entrou, o, comparando os dias que ahi passara com os que passara no grande mundo, reconheceu a influencia da paz celeste que reinava em torno de si, e que parecia chamal-o e convidal-o para que a adorasse. A ira cedeu o lugar ao mais profundo sentimento de melancolia: ajoelhou-se perante o altar, encostou a cabeça no mármore frio dos degraus, e chorou amargamente.

Neste estado lhe veio o sacristão lembrar que era tempo de sahir da igreja. Ah! bem queria Miranda pedir-lhe uma cella neste pacífico claustro; mas não teve força para abrir os lábios, e sahiu sem proferir palavra. Quanto mais se apoderava do seu espirito a lembrança da desenfreada vida da sua mocidade, tanto mais rapidamente diminuía a horrível tormenta das paixões que o trazia em constante agitação. Na manhã seguinte voltou ao convento, assistiu a missa de finados, e ouviu os frades pronunciar o nome de seus pais. Pareceu-lhe ver os seus espiritos amaldiçoando-o, e resolveu desde logo dedicar-se a uma vida de penitencia. Apresentou-se ao abbade do convento, deu-se a conhecer, e entregou-se em suas mãos para ser punido como criminoso o filho arrependido. Obteve perdão, e, após um curto noviciado, foi admittido, a pedido seu, na ordem dominicana. O exemplo de um peccador que voluntariamente deixava o mundo para entrar no seio da igreja e legar-lhe todos os seus bens, era em demasia lisongeiro para não ser recebido com exultação.

Ainda não tinha passado um anno, e já a monotonia da vida conventual tinha enervado o animo de Miranda, que mais que tudo desejava um emprego activo. Aconteceu que o convento tivesse negocio de importância a tratar na capital. A escolha recahiu em Miranda, que bem conhecia os frades o seu talento e experiência. Chegando á capital, todos os olhos se filarão no monge enérgico e prudente, e todos congratulárão o convento por contar um membro tão

discreto e proveitoso no numero dos seus. Neste meio tempo veio Miranda a conhecer o inquisidor-mór, o qual formou da sua capacidade tão alta opinião, que lhe offereceu um logar no tribunal da Inquisição. Depois que o amor deixara o coração de Miranda, parecia que fora elle creado para juiz cruel e insensível, que podia pesar e condemnar não as acções do homem, mas sim os mais íntimos pensamentos de sua alma. O immenso poder que lhe dava o novo emprego sobre as vidas e felicidade dos seus semelhantes, excitou o seu altivo espirito. Obteve o consentimento do seu convento, e

— 174 —

tomou assento no tremendo tribunal. A missão de horror e de miséria em que ora se achava empenhado derramava um prazer feroz nesse coração que a todo o mundo odiava.

(*Continúa.*)

CHRONICA DOS SALÕES.

Ora não sei por onde deva hoje principiar a minha chronica. Se não tivesse por ahi alguma tesourada, eu fallaria de um jantar de annos campestre que teve lugar no domingo na Imperial Quinta do Caju, debaixo de uma frondosa mangueira, que deve contar já bastantes janeiros; descreveria um por um todos os encantos desse formoso sitio; fallaria de todos os prazeres que se fruirão nesse dia no meio da mais luzida sociedade, do grupo das mocinhas de luto, na amável e distincta senhora que dirigia a função, nos espirituosos ditos de um bello mancebo, no passeio da barraca, nos vivas do jantar, nas moças que chegárão tarde da cidade, nas poesias, e finalmente no *feliz* capitão que sabe grangear a estima, a consideração e a sympathia de todos; mas, ai de mim, se tal fizer! Não faltarão por ahi censuras, criticas, e formidáveis tesouradas. Pois que! a *chronista* já quer arvorar a quinta do Caju, uma mesa de pedra debaixo de uma mangueira, e esses passeios campestres, em elegantes salões, e assim incluir tudo na sua *chronica*, sem se lembrar que isso não deve fazer parte da sua missão? Nada, nada minhas amáveis leitoras, não vos descrevo esse jantar campestre tão cheio de prazeres, porque não devo sahir fora dos limites de uma *chronista* de salões, e assim vamos tratar do baile da *Sylphide* no *Club Fluminense*, que das novidades da semana é a que mais tem occupado todas as attenções.

Que a *Sylphide* é hoje uma sociedade de primeira ordem, não ha quem conteste; e a sua passagem para o *Club* foi lhe dar maior brilhantismo; pois que não existe comparação entre esse pavilhão remendado, e mascarado, esses bancos forrados de paninho de côr duvidosa, essas mobílias estropiadas; com o luxo, o acceio, a riqueza que por toda a parte se encontra nos salões do *Club*; é verdade que neste não ha uma sala que se possa igualar ao pavilhão; mas em compensação têm-se três salas para dançar-se, duas para conversar-se, e três para passear-se, e tudo isto no meio da mais brilhante illuminação; com os trastes mais ricos possíveis, com as paredes cobertas de quadros de valor; finalmente só os amigos do *regresso* sustentarão a preferencia do Paraíso ao *Club*.

O baile de sabbado foi um dos mais pomposos que a *Sylphide* tem dado; concorrêrão á elle 586 cavalheiros, e 474 senhoras: os salões estiverão atupetados, e com difficuldade até á meia noite se dançava. Entre as senhoras notava-se mui ricos *toilettes*, e era opinião geral que nunca se viu tanta moça bonita reunida. As duas irmãs que trajavão vestidos de seda azul com rendas pretas, o *toilette* de nobreza côr de rosa com rendas á valenciana, e de filó branco bordado com apanhados de fitas, guarnecido de flores; e os elegantes vestidos pretos, de duas interessantes jovens, uma clarinha e outra morena, e o de uma viuva que por lá andava, forão sem duvida alguma os *toilettes* das mais lindas moças; verdade é que difficil será em uma reunião de quatrocentas e tantas senhoras distinguir-se esta ou aquella moça, quando todos se acotovelão para poderem dançar; comtudo ainda ha uns lindos olhos como os da mimosa do Cattete, uns lábios seductores como os da flor da Gloria; um rosto encantador como o do anjo que nessa noite simplesmente trajada de branco, estava mais que fascinadora, pois que a belleza não precisa de adornos para se apresentar seductora; aonde ha tudo isto sempre se distingue alguém; porque é impossível, por maior que seja o numero das moças, que se não possa ver, de preferencia a tudo, um anginho como esse que no baile da *Sylphide* parecia-me uma pastora, e a quem um poeta chamou — *a travessa dos salões*. — Forão muitas as emoções doces, suaves, e amenas que se sentirão na noite de sabbado nos salões do *Club*. Ali, tudo tocou ao brilhantismo; os prazeres que se gozárão jamais podem ser esquecidos. Uma musica excellente; um serviço abundante e prompto nas diversas salas, uma reunião com o que ha de mais elegante nos circulos fluminenses, representada pelas differentes classes da sociedade, e isto tudo com quatrocentos e setenta e quatro senhoras, na maior parte lindas, formosas e seductoras! O baile de sabbado dado no *Club* marca uma nova era para a sociedade *Sylphide*, e essa era de propriedade e brilhantismo é sem duvida alguma devida ao seu digno presidente, o Sr. Dr. Gaspar de Almeida, que incansável tem levado a sociedade ao gráo a que ella tem chegado. A

Directoria distinguu-se em obsequiar aos seus convidados; as suas attenciosas e delicadas maneiras para com o bello sexo deve de nós merecer um sincero agradecimento.

Na noite de segunda feira uma reunião familiar teve logar na casa da illustre Redactora deste jornal: era o primeiro anniversario do seu casamento, e as suas amigas reunirão-se para a congratularem com o feliz par, que ha comprehendido o bello do matrimônio, desfructando todos os encantos dessa vida tão cheia de seducções. Entre as senhoras que ao piano se deixarão ouvir, primarão, a dona da casa, e a bella do Nictheroy, que é sempre um portento quando ao piano demonstra todo o seu talento musical.

Na terça feira o Sr. ministro da Justiça deu um brilhante *soirée*; no qual estiverão reunidos todos os seus parentes e amigos, festejando assim os venturosos annos da Ex.ma sua filha. A reunião esteve animadíssima, e as horas passarão-se rápidas entre os prazeres da dança e do canto.

Na quarta-feira as sociedades *Recreação Campestre e Vestal* disputarão a preferencia de uma boa concurrencia; esta ultima porém levou a palma, pois que viu os seus salões cheios de uma brilhante reunião. Na *Campestre* havia bastante madamismo, e bem lindos *toilettes*, mas faltava-lhe animação, o que se tem sentido nos bailes desta sociedade há

— 175 —

tempos a esta parte: se não fora o grupo das tres jovens que tanto passearão, e conversarão juntas, e das duas irmãs, as estrellas desse baile, a reunião da noite de quarta-feira ter-se-hia tornado bem insípida. Outro tanto não aconteceu á *Vestal*, que esteve encantadora. Bastavão os mimosos *toilettes*-rosas que tanto imperarão nessa noite, para que ao baile nada faltasse, tanto mais que a reunião foi escolhida e primorosa. O madamismo que enchia o salão merecia as honras de uma apurada attenção, porque era um lindo *bouquet* de flores, cada qual a mais bella e mais mimosa. A feiticeira de vestido de garça de seda azul, as suas duas primas, os *toilettes* pretos, os dous brancos, o escossez, e as duas irmãs que pela primeira vez apparecêrão na *Vestal*, forão por certo as mais bellas estrellas que brilharão nesse céu de encantos; sem que por isso possa ser esquecida a joven moreninha que é sempre uma inspiração poética para essas imaginações, que ao doce volver d'uns olhos, e ao sorrir d'uns lábios, encontram logo os mais bellos pensamentos para pintarem o que a alma sente.

Seria um nunca acabar se eu fora descrever uma por uma todas essas bellas que aformoseavão o baile, e a quem por mais de uma vez ouvi chamar — deidades! basta dizer que

a *Vestal* teve grupos de anjos, de fadas e de estrellas, e que as horas passarão-se, fruindo-se os mais doces e bellos encantos.

Uma noite de *Vestal*... e depois?... Recordação e saudade!!...

Bravíssimo! Estou uma romântica de chapa; pareço-me com um poeta apaixonado, modulando canções ternas e amorosas! Que querem, as minhas amáveis leitoras? a sua Francina gosta de bailes, sonha com elles, e até tem a tolice de pensar que só vive quando está n'um salão de contradanças, valsas e schotisches; e por isso tem levado uma semana toda alegre e folgazona; e iguaes á esta custão muito a apparecer.

Ainda na quinta feira assisti ao jantar de annos de uma amiguinha do coração, que é a ventura e as delicias de seu papai; ouvi cantar e tocar piano que me extasiou, e se não fora estar tão cansada, não perderia uma valsa ingleza; mas tinha minhas saudades do amável bairro de S. Christovão, e para lá fui afim de passar o dia de sexta feira, que foi votado ao descanso.

Tinha ainda que vos contar uns segredinhos, uma certa paixãosinha por um sagüi; mas hoje é sabbado, e eu não quero abusar, nem de vossas paciências, nem da benevolência com que sou acolhida pela illustre Redactora deste jornal.

Findo aqui a minha *chronica* por hoje; domingo, bem cedo, esperem por mim, que vos heide contar muita cousinha engraçada.

Até lá.

Rio 27 de maio de 1854.

Francina Oscenia.

CORREIO DOS SALÕES.

Minhas leitoras, é preciso que nos entendamos de uma vez — sou correio ou não sou correio? — sou e não sou.

Sou correio, mas á fé de boa verdade; não ando a cavallo com guizos chocalheiros, nem trago malas á garupa.... do animal (bem entendido).

Não sou correio, mas recebo toda a correspondencia que pelas repartições das novidades vem dirigida á redacção do nosso jornal — sou eu quem as conduz, quem as vê, as examina e commenta. E no entanto sou correio; por que a repartição onde as malas das noticias são abertas e verificadas, chama-se correio. E no entanto tambem não sou — por que não as trago em pacotes nem embrulhos, alforges nem malas.

Ando, como quasi todos, de sobrecasaca á moda (tambem ando á moda) e quem me vir andar na rua de certo não me achará com cara de correio; nem de ministro, que é o que anda mais decente. O verdadeiro é, que não sei o que sou, nem o que não sou. O facto mais interessante é que está o *Jornal das Senhoras*, pedindo-me contas de minha obrigação, e eu nem tenho a coragem de desculpar-me, mostrando-lhe as malas que me chegarão vazias.

Vazias, não digo bem, quasi, quasi. Tem uma tira de papel escripto, que se não entende, por que a mala rasgou-se, a chuva desta semana não a perdoou, desbotou-lhe a tinta e um P. S. a lápis, esse de todo desapareceu. Mas nesse mesmo fracasso teem as minhas leitoras uma noticia que não é novidade, mas foi verdade: choveu.

Ora na realidade o sujeito que escreveu o tal papel nunca esperou por essa, talvez fosse cousa até bem interessante e tambem o que escreve isto nunca pensou em registar a *chuva* como um acontecimento importante; e em paga disso bem merece que as suas leitoras com aquella graça de que teem única e absoluta propriedade, digão que este paragrapho está enxabido e sem graça, e que passemos á outro.

Tenha a bondade de sentar-se e esperar que agora acabo o primeiro paragrapho; se fizerem por parte da typographia alguma reclamação, diga-lhe que tenha paciência, e se demorar-se o jornal faça um communicado a nossas amáveis assignantes, expondo-lhe a razão por que demorei-me desta vez. Apesar de termos estrada de ferro, e caminhar-se duas léguas em 11 minutos, não pense que posso aqui chegar de Petropolis a horas de encontral-o em casa, porque a reclamação muito justa, que aquellas nossas amigas ciumentas fizêrão, ainda não teve effeito. E se os casados e empregados públicos, para quem foi feita a reclamação por esse congresso de bellezas, não podem pela mesma razão aqui chegar a tempo, quanto mais eu que sou solteiro e que por infelicidade minha não houve uma moça que se lembrasse de proteger-nos com uma petição de tanta força, se eu me podesse casar ou achasse quem

— 176 —

quizesse, de certo não puniria agora pela minha classe; mas que fazer? já me dissêrão, que o casamento e quasi todas as cousas deste mundo, acontecem *por Destino*, e eu então não tenho remédio senão chorar meu fado, como disse um poeta. E' verdade que não me conhecem, apesar de já me terem visto; mas o meu nome já por si indica o diminutivo de minha posição para ser conhecido de um círculo tão alto. Tambem isto está sem graça, dirão as minhas leitoras — paciência, a semana é que o quiz.

— Não se desculpe com a semana, é porque está hoje com preguiça.

— Bravo! Então o senhor não está vendo as malas vãs? A' excepção desta lista de bailes e esta carta fechada, nada mais contém.

— Pois conte os bailes.

— Pois lá vai. Deu o seu primeiro no salão do *Club Fluminense* a *Sylphide*. Foi uma bella aquisição; a sociedade subiu mais de dous palmos. Esteve como era de esperar, concorrido e brilhante. Eu lá não estive, mas passando pelo portão do *Club*, vi entrar uma moreninha tão bem trajada, tão alegre e vivaz, como uma borboleta entre flores, dous lindos olhos negros e luzidios, como dous brilhantes, e seus cabellos bem podião emprestar côres a uma noite sem lua, mas tambem sem gaz.

Quasi que fiquei parado; e apenas dou dous passos e uma linda romântica escureceu-me os olhos e embargou-me a passagem, vinha vestida de branco. Oh! dir-se-hia um anjo que se transviára do céu e que vinha com suas cândidas azas espanejar as flores da terra!

Quasi que tambem fiquei parado; mas como tinha que fazer, fechei os olhos para não ver um circulo de moças — uma grinalda de lyrios que vinha apeando-se de um carro; se não fecho os olhos decididamente ficava parado. E' celebre!

Tambem houve baile militar — esteve frio e desanimado — esperemos por outro. *Campestre* tambem houve: esteve como sempre. Deixemos-lhes as descripções para a espiituosa e poética redactora da *Chronica dos Salões*.

Vamos ao Provisório... perdão, nada de desagradar á ninguém, a moléstia do Provisório está no periodo de sua visita de saúde, a sua febre ou torpor um pouco avivado, já tem outro nome, para não desanimar a familia; — chama-se *Lyrico Fluminense* — tem enchente. Mas decididamente enquanto me não fizerem presente de uma caixa de ouro com iniciaes de brilhantes, que eu possa levar com rapé ao espectaculo, lá não vou. Não estou para dormir nos bancos como se o Sr. Arnaud fosse alguma dormideira.

Nytheroy esteve animado — a *Dama de S. Tropez* — ou o beneficio da Sra. Favrichon esteve concorrido e brilhante.

Abramos a carta fechada. Olá! não é para cá; mas emfim vá. Esta recommendação pertence ao *boletim musical*. Não admira, quando malas para Pernambuco já forão parar um dia em S. Paulo; não é muito que por descuido cá viesse ter esta carta. Mas não é acerca de musica, posso fallar. E' uma participação do Sr. Miguel Furtado de Mendonça em que participa ao publico e especialmente ás senhoras, do que toca piano em funcções por casas particulares, dentro ou fôra da cidade por commodo preço. Realmente o Sr. Furtado por sua posição e sua familia, cujo orgulho elle esquece, para occorrer ás suas primeiras necessidades, não se podia dirigir a ninguém melhor do que ás senhoras. Elle contou de antemão seguramente com a

protecção de suas almas. Como musico ha de ser poeta — e como poeta ha de saber que as fibras do coração das senhoras são mais doces e delicadas do que a harmonia de um canto, ou o desprender de uma nota!...

Basta — esperemos pelo seguinte correio, que ha de ser mais interessante (por promessas não falto).

Tivemos a *Gargalhada, funambulos*, etc., etc., no theatro do S. Pedro, e mais alguns bailes de que não me fizérão participação, e por isso não vão aqui registrados.

Até domingo.

O Beijamim.

ANECDOTA.

Um homem, conhecido por sua avareza, gabava-se de ter perdido dous cruzados novos ao jogo sem proferir palavra: « Não admira, lhe respondeu um sujeito; as grandes afflicções tirão a falla. »

CHARADA.

Eu sou o nome
D'uma pastora,
A quem Elvino
Pastor adora. 3

Ambos se assentão
A' minha margem,
Vendo bolir
Verde folhagem. 2

Vencendo os Persas
Mostrou valor,
Batendo os Godos
Igual primor.
Mas este heroe,

Tão afamado,
Foi tão virtuoso
Quão desgraçado!

(Pela Exma. Sra. D. S. I. R. F.)

TYP. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.